

A Companhia de Jesus na Índia e o Colégio de São Paulo em Goa: vicissitudes de 1552 a 1558

Felipe Augusto Fernandes Borges

Instituto Federal do Paraná

Pitanga - Paraná - Brasil

felipe.afb@hotmail.com

Resumo: A presença jesuítica no Estado da Índia remonta ao ano de 1542, quando Francisco Xavier chega a Goa. Em 1548, os jesuítas fundam o Colégio de São Paulo, que passa a ser o centro referencial das atividades da Companhia de Jesus no Oriente. O objetivo deste artigo é versar sobre o Colégio de São Paulo e as atividades por meio dele empreendidas no período entre 1552 e 1558. Em 1552 Francisco Xavier sai em sua missão rumo à China, deixando em seu lugar o padre Gaspar Barzeo. A morte de Xavier ocorre ainda em 1552 e a de Barzeo em 1553. Depois disso, há um período que denominamos no trabalho como um “vazio de comando” na hierarquia jesuítica na Índia, apenas sanada com a chegada dos novos provincial e reitor, em 1558. As fontes utilizadas estão contidas nos volumes II, III e IV da Documenta Indica e no volume V da Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente. Conclui-se que as atividades empreendidas por estes padres são, sobretudo, atividades culturais, religiosas, educacionais. Olhar para tais atividades e seus impactos na sociedade local da época nos ajudam a compreender a dinâmica das interações sociais, culturais e das relações de poder existentes no período estudado.

Palavras-chave: Colégio de São Paulo. Companhia de Jesus. Goa. Estado da Índia.

Introdução

A presença jesuítica no Estado da Índia remonta ao ano de 1542, quando Francisco Xavier chega a Goa, vindo de Portugal, para organizar a presença e missão da Companhia de Jesus na Índia Portuguesa. Naquele mesmo ano, por instância de autoridades civis e eclesiásticas locais, Xavier, em nome da Companhia, assume a responsabilidade pelo Seminário de Santa Fé, fundado no ano anterior por dois clérigos franciscanos. Em 1548, os jesuítas fundam outra instituição, o Colégio de São Paulo, ao qual anexam o Seminário de Santa Fé.

O Colégio de São Paulo, em Goa, passa a ser, neste contexto, o centro referencial das atividades da Companhia de Jesus no Oriente, sendo ponto de chegada e de partida dos padres da Ordem que para lá iam. Em diversas oportunidades, o reitor do Colégio

de São Paulo acumulava, ainda, o cargo de Superior dos jesuítas no Oriente, sobretudo nas viagens e ausências do primeiro superior e provincial, Francisco Xavier.

O objetivo deste trabalho é versar sobre o Colégio de São Paulo, suas atividades e seus superiores no período que se desenvolve entre 1552 e 1558. Justificamos o recorte pois, em 1552, Francisco Xavier sai em sua missão rumo à China, deixando em seu lugar como vice-provincial e reitor o padre Gaspar Barzeo. Após a morte de Xavier, ainda em 1552 e a de Barzeo, em 1553, há um período que denominamos como um “vazio de comando” na hierarquia jesuítica na Índia, apenas sanada com a chegada dos novos provincial e reitor, em 1558.

Pretendemos analisar este período de posse de fontes documentais da época, cartas de atores envolvidos nas questões apresentadas. As fontes que utilizamos neste trabalho estão contidas nos volumes II, III e IV da Documenta Indica, organizada pelo jesuíta Joseph Wicki e no volume V da Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente, organizada por António da Silva Rêgo.

Governo e morte de Gaspar Barzeo

No período do recorte temporal aqui tratado, Francisco Xavier já havia partido em mais uma viagem missionária, dessa vez rumo à China, e tanto o Colégio de São Paulo quanto a Companhia de Jesus na Índia estavam nas mãos do recém-nomeado vice-provincial, padre Gaspar Barzeo.

O vice-provincial Gaspar Barzeo procedeu a uma reorganização do Colégio de São Paulo após o período de mando do então reitor António Gomes, que havia expulsado os nativos do Colégio, causando um grande período de instabilidade para a instituição e para a própria Companhia de Jesus no Estado da Índia (BORGES, MENEZES E COSTA, 2020).

Além disso, o vice-provincial Gaspar Barzeo também organizou a sistematização de um conjunto de regras para o Colégio de São Paulo, por meio da elaboração de um “Regulamento” para o Colégio (BORGES, 2021). Podemos dizer que o período de Gaspar Barzeo à frente da instituição e da Companhia de Jesus na Índia decorreu-se com aparente normalidade. Continuaram-se recebendo no Colégio nativos e europeus, e os trabalhos de formação permaneceram os mesmos, sem sobressaltos como os acontecidos com o padre António Gomes e a expulsão dos nativos do Colégio.

Em carta escrita para Inácio de Loiola, de Punicale, em 06 de novembro de 1552 (IN: WICKI, 1950, p. 393-401), o jesuíta Henrique Henriques informa ter enviado nativos da Costa da Pescaria para o Colégio de São Paulo, em Goa, e também para outro colégio jesuítico da Índia, em Couião. Importante informação do padre se encontra em trecho em que diz: “Alguuns **filhos dos homens principaes desta Costa** mandamos ao colegio de Goa e ao colegio de Couião, [...] porque alguuns dos que se estão criando em tão santa doutrina **haam-de vir a ser os principaes no povo**” (IN: WICKI, 1950, p. 398, sem grifos no original).

O Colégio de São Paulo já era visto na época, a crermos na fala do padre Henriques, como um centro formador das elites, mesmo – e talvez principalmente – as locais. Uma das estratégias usadas largamente pelos jesuítas era a conversão dos “principais” do povo (COSTA, 2004; MANSO, 2009; TAVARES, 2004). A conversão de figuras expoentes, para os jesuítas, serviria para encorajar e mesmo impulsionar mais conversões do povo comum. Na fala do padre Henriques, vemos um aprimoramento da estratégia. Na visão do padre, seria importante usar instrumentos como o Colégio de São Paulo, e ainda os demais na Índia para formar, educar e instruir aquela que seria, no futuro, a elite dirigente local, pois “alguuns dos que se estão criando em tão santa doutrina haam-de vir a ser os principaes no povo” (IN: WICKI, 1950, p. 398). Usar os colégios para formação destes que seriam os notáveis entre os nativos era mais uma das estratégias de conversão que os jesuítas viriam empreender na Índia.

Devemos destacar a centralidade do Colégio de São Paulo nesse processo, pois de todas as localidades concorriam rapazes nativos para ali receberem sua formação, a fim de posteriormente retornar para suas localidades, tornando-se, assim, dispersores da cultura e da educação ali recebidos. Sobre tal centralidade, são abundantes na documentação as referências ao Colégio de São Paulo como “principal” instrumento jesuítico na Índia. A ilustrar, temos fala do jesuíta Frei Belchior de Melo em carta escrita de Goa em 25 de novembro de 1552, endereçada aos padres da Companhia no Colégio de Roma. Nela, o padre afirma categoricamente que o Colégio de São Paulo “hé o mais principal collegio que a Companhia tem nestas partes, e domde há mais Irmãos, porque daqui se prouvem todas as outras partes remotas da Imdia” (IN: WICKI, 1950, p. 406). Além da centralidade administrativa, os jesuítas tinham no Colégio de São Paulo uma centralidade de recursos, humanos e financeiros: os padres que iam às missões eram “do Colégio”, os meninos, filhos dos “principais”, a serem formados como agentes de uma elite letrada – e cristã – local, iam para o Colégio, os auxílios eram pedidos ao Colégio...

É inegável o papel de centro dispersor da Companhia de Jesus assumido pelo Colégio de Goa. Tal posicionamento é corroborado pelo reitor Gaspar Barzeo em carta escrita no dia 30 de novembro de 1552 ao provincial jesuíta português Jacó Mirão, em que pede para que se enviem de Portugal para a Índia “[...] alguns padres que tenham talento de letras pera cursarem estes que estão já principiados, pera que, dos que cá se criarem, se posão prover com os que de lá mandarem as necessidades da India” (IN: WICKI, 1950, p. 441). O reitor mostra crer que o trabalho da Índia poderia sim ser feito a partir do Colégio de São Paulo, bastando que este tivesse os recursos dos quais necessitava. Os recursos, ali, não se referem ao financeiro, pois, ao que nos parece, nesse ponto o Colégio estava bem servido. O pedido de Barzeo se resumia ali à necessidade de padres para ensinar, para formar os sujeitos.

Na continuação da carta de frei Belchior de Melo, acima mencionada, também se escreve a respeito do cotidiano dos irmãos do Colégio. É um relato interessante para termos uma visão de como era o dia a dia daqueles colegiais: o que faziam, quais eram suas atividades, estudos etc... Frei Belchior não trata diretamente a respeito de um currículo, mas de algumas práticas diárias dos internos. Todas as atividades eram programadas, tinham seus horários e formas de serem realizadas. Segundo frei Belchior nos conta – relatos semelhantes constam em outros documentos também –, o dia dos internos começava às 4 h da manhã, quando acordavam, já rezando o “*Veni Creator*”¹. Às 5 h já “ouviam missa”, indo depois disso aos estudos propriamente ditos. As práticas devocionais tinham novamente lugar a partir das 8 h da noite, quando, “em tangemdo a campainha, todos se vão pera o coro, omde todos juntos tem tres quartos d'ora de oração, e dai até às nove tem praticas esperituaes”. As “práticas” espirituais, segundo frei Belchior, eram normalmente ministradas pelo reitor Gaspar Barzeo, sendo que, a crermos no relato da carta, entre todos os momentos de oração e devoção individuais e coletivos, praticados pelos colegiais de São Paulo, “podem ser por tudo cinco oras d'oração” (IN: WICKI, 1950, p. 406-407).

Destacamos aqui a presença massiva de devocionais no dia a dia dos colegiais. Seria como uma introspecção contínua, um contínuo moldar das personalidades daqueles estudantes. O intento, evidentemente, era moldar os colegiais para os papéis que se desejava que desempenhassem, sobretudo no que tangia aos nativos. O trecho que

¹ *Veni Creator Spiritus* (Vem Espírito Criador) é uma oração-hino utilizada pela Igreja Católica assim como por algumas outras Igrejas Cristãs. O texto em Latim é normalmente cantado em canto gregoriano, tratando-se de uma oração de invocação ao Espírito Santo.

acabamos de apresentar é o relato documental de alguém que, a cremos no escrito, viu efetivamente o cumprimento daquelas normas. O que queremos dizer é que, por esse relato, compreendemos que a intenção da introspecção e do moldar contínuo das personalidades foi, pouco a pouco, se transformando em ações práticas e costumes dentro do Colégio, fazendo com que os ideais de formação, pensados para aqueles jovens, fossem paulatinamente se materializando.

Sobre o currículo, os estudos e disciplinas do Colégio, não temos um documento que efetivamente os liste, ou um documento do próprio Colégio que mostre claramente o que era ali estudado. Temos fragmentos de algumas cartas e documentos que citam a questão, além da historiografia, a lançar um pouco de luz sobre esse assunto. Um dos documentos possíveis de analisarmos é uma carta geral do Colégio de São Paulo, endereçada à Companhia de Jesus em Coimbra. Aquela foi escrita pelo frei Ludovico Fróis em nome de todo o Colégio e é datada de 01 de dezembro de 1552 (IN: WICKI, 1950 p. 445-491). É um amplo documento, dando conta das atividades do Colégio como um todo, bem como de vários acontecimentos, a partida e as instruções de Francisco Xavier entre outros.

Sobre o assunto que ora tratamos, em dado momento do documento afirma-se que o reitor Gaspar Barzeo mandou iniciar o estudo de Gramática no Colégio, no fim de setembro de 1552. Aprendiam Gramática 22 irmãos da Companhia e cerca de 40 moços da terra, os nativos do Colégio. Eram ensinados não por um padre – possivelmente pela falta de algum apto – mas por um homem “muito vertuoso e mui amiguo da Companhia”. Importante destacar que as aulas de Gramática não eram ministradas apenas para os internos, mas, segundo o relato, também aprendiam Gramática alguns moços “de fora” do Colégio, novamente filhos de “homens principais” da cidade de Goa. O escritor do documento prossegue afirmando que, no período de mais um ano, haveria já alguns desses alunos capacitados a começar o curso de “Artes” (IN: WICKI, 1950, p. 463). Os estudos de Gramática Clássica se encontravam já presentes na instituição, pois entre outras atividades vemos que nas aulas de Gramática os colegiais “[...] ouvem Vergillio²,

² Publius Vergilius Maro, poeta romano clássico, viveu do ano 70 a.C. a 19 a.C.

Salustio³, Oratio⁴ e Tulio⁵, «De Officiis»⁶, e as Epístolas Familiares⁷ [...]” (IN: WICKI, 1950, p. 464). Para Maurício (1945, p. 178-179), após a atribuição do Seminário de Santa Fé à Companhia de Jesus e a fundação do Colégio de São Paulo, o currículo dos estudos secundários “[...] entrou a compreender Música, Gramática, Retórica, Filosofia e Teologia. No colégio destinado aos alunos jesuítas, e também a seculares, o programa, desde as primeiras letras, escrever e contar, desenvolveu-se ainda mais [...]”. Vemos assim que a organização do Seminário de Santa Fé e, posteriormente do Colégio de São Paulo evoluiu de um inicial ensino das letras rudimentares e entrou num período de cultivo da erudição. O desenvolvimento dos currículos acompanhou, por assim dizermos, o desenvolvimento dos objetivos da instituição, que então tinham também sob seu arco a missão de formar – ou completar a formação – quadros para a Companhia de Jesus.

Na continuidade da carta geral escrita pelo frei Ludovico Fróis, temos menção a 90 meninos órfãos, nativos, criados no Colégio sob a responsabilidade do padre Micer Paulo⁸. Eram criados e educados em espaço distinto daquele ocupado pelos alunos da Companhia e eram amplamente usados para evangelização local, participando de procissões, visitas a doentes, acompanhamento de funerais e outras celebrações religiosas. Além das primeiras letras, aprendiam ainda música (IN: WICKI, 1950, p. 466-467). Os planos aparentemente eram de ampliar cada vez mais o contingente de meninos no Colégio, havendo mesmo o planejamento para implantação de mais uma casa, para órfãos, além das duas já existentes (IN: WICKI, 1950, p. 467-468).

Mais uma vez destacamos que os jesuítas, de modo geral, compreenderam o emprego dos “meninos pregadores” (PAIVA, 2006). Antes de partir para a China, Xavier deixou ordenado, segundo a carta ora analisada que, em alguns lugares pertencentes ao Colégio, a pessoa que ensinasse ler e escrever aos meninos internos também o fizesse aos meninos “de fora”, dessa vez mencionando, para além dos filhos dos “homens principais”, também “todos os filhos dos homens pobres que hay quisecem vir apremder”. Segundo

³ *Gaius Salustius Crispus*, escritor e poeta da literatura latina, viveu de 86 a.C. a 34 a. C.

⁴ *In Catilinam Orationes Quattuor*, ou *Catilinárias*, é uma série composta por quatro discursos proferidos pelo cônsul romano Marco Túlio Cícero ao Senado Romano, em 63 a.C. com o intuito de denunciar uma conspiração liderada pelo senador Lúcio Sérgio Catilina.

⁵ *Marcus Tullius Cicero*, escritor, poeta, político, advogado e filósofo. Foi cônsul romano e viveu de 106 a.C. a 43 a.C.

⁶ *De Officiis* ou Sobre as Obrigações, trata-se de um tratado escrito por *Marcus Tullius Cicero*. É dividido em três partes, ou livros, em que Cícero apresenta suas concepções sobre a vida, o comportamento, as obrigações morais.

⁷ *Epistolae familiares* é o título de uma coleção de cartas que o humanista italiano Francesco Petrarca (1304-1374) editou durante sua vida.

⁸ Paulo Camerino, chamado sempre na documentação como “Micer Paulo”.

relato do documento, havia “perto de trezentos meninos” que frequentavam tais aulas de ler e escrever, evidentemente permeadas pela doutrina cristã (IN: WICKI, 1950, p. 468). Independentemente da veracidade do número de alunos anunciado pela carta, o que deve ser destacado são as consequências do empreendimento dessa estratégia na Índia. Logo na sequência, o padre narrará algo que consideramos ser um dos resultados do trabalho de evangelização ali empreendido:

E quando os meninos de cassa fazem prosição, estes de fora, porque o Padre nam pode receber a todos, dá-lhes licença pera virem de casa de seus pais com abitos bra[n]quos como os de cassa; e asi vam todos juntos em ordem em prosição, a qual acabada, vam-ce os de fora pera suas cassas a despir o abito e guardá-Ilo. Estes de fora quando saem, da escola, alem de suas particulares devaçõis, em que os o Irmão Amador Corea, que hé seu mestre, os tem ensinados, vam todos pelas ruas cantando a doutrina christã; e tambem reprimem alguns homens, se os vem jurar, e andam tam recolhidos cantando a doutrina por toda a cidade e com os braços tam cruzados e olhos no chão, modestia no rosto e nas palavras, como se focem religiosos (IN: WICKI, 1950, p. 469).

Vemos o relato do ensino e da cultura do Colégio ultrapassando os limites deste: crianças que, ensinadas, passavam a reproduzir, disseminar aquelas práticas cristãs. Evidentemente que, como já afirmado, acreditamos que tais práticas não se mantiveram “puras” à maneira como eram inicialmente ensinadas, mas passaram por um processo de sincretização, misturando-se a muitas práticas, conceitos e religiosidades locais. O fato é de que aqui podemos entender, ainda, a vantagem de ter o ensino no Colégio destinado tanto a meninos internos quanto externos. Enquanto os internos tinham práticas mais regulamentadas, vivendo, de certa forma, um tanto separados daquela sociedade local – como parte da formação eclesiástica que se pretendia dar a eles –, os “de fora” estavam em constante contato com a sociedade local, com suas famílias, com outras crianças, facilitando, talvez maximizando, as interações daquela cultura cristã que se pretendia divulgar. Os jesuítas e, especialmente Francisco Xavier, parecem ter compreendido bem essa realidade, pois o padre Belchior Nunes, em carta aos jesuítas de Coimbra, escrita em 07 de dezembro de 1552, afirma que “o Padre Mestre Francisco tambem deste parecer era, que o verdadeiro fundamento da fee ser acrecentada nestas terras, hé por via de collegios e doutrina de meninos [...]” (IN: WICKI, 1950, p. 504). A partir das experiências de Goa, a implantação de colégios nas diversas localidades de sua influência passou a ser uma das estratégias de catequese mais utilizadas pelos jesuítas na Índia.

Para mostrar as necessidades que havia na Índia e dar notícias a respeito do Colégio e da Província, o reitor Gaspar Barzeo escreve a Inácio de Loiola em carta datada de 12 de janeiro de 1553 (IN: WICKI, 1950, p. 578-603). Nesta missiva, o reitor, e

também provincial na ausência da Xavier, faz uma listagem das localidades e dos padres da Companhia, dando conta ao Geral do estado das missões. Em sequência, queixa-se da falta de padres para atender às diversas localidades que deles necessitavam. Segundo o reitor, havia muitas localidades em que era preciso enviar padres da Companhia a “fazer fruto”, mas que, pela insuficiência de número deles, mesmo no Colégio de São Paulo, precisava assim negar muitos pedidos de envio de padres (IN: WICKI, 1950, p. 586-587).

Ao informar sobre os assuntos do Colégio, Barzeo conta que, naquele momento, eram em cerca de 30 os padres e irmãos da Companhia ali residentes. Considerando que anteriormente, na mesma carta, ele havia dito ao Geral que no Colégio havia quatro padres “de missa”, compreendemos que a grande maioria desses jesuítas era de irmãos ainda não ordenados ao sacerdócio. O número destes residentes havia sido maior, entretanto tinha diminuído, “[...] porque este anno se mandarão daqui para fora, a prover as provincias que temos, mais de 20 entre Padres e Irmãos, polo qual, por mais que nós somos, sempre somos poucos polas muitas necessidades que cada dia se oferecem” (IN: WICKI, 1950, p. 588). Ainda sobre o assunto, o padre reitor dá a entender a necessidade de mais padres membros da Companhia, mas, ao falar sobre aqueles que recebia para estudarem no Colégio especificamente com vistas à formação de quadros para a Ordem, ele revela:

Recebo poucos, e a causa disto hé ser a terra mui esteril, e os da Compañia levarão cá grande trabalho, e poucos poderão escapar de enfermidades, e huma ora aqui de meditação debilita mais, que dez nas partes de Europa; **e os que recolho, trabalho muito de não serem mestiços, nem castiços, nem da terra;** asi nem os outros quaesquer, que llá V. Sancta Charidade tem pejo de os recolher, **por reccar neles a falta que podem ter na fee** (IN: WICKI, 1950, p. 589, sem grifos no original).

Vemos claramente que uma divisão persistia: nativos, mestiços, castiços poderiam ser recebidos para os estudos eclesiásticos – afinal era um dos objetivos da instituição – mas não deveriam ser recebidos para formação para a Companhia de Jesus. Fica clara a divisão entre aqueles que eram recebidos no Colégio a fim de se tornarem jesuítas, que eram os europeus, e aqueles que se tornariam clérigos, porém seculares, os nativos e mestiços. A divisão permanecia ativa ao momento da escrita dessa carta, em 1553, e não se desfz facilmente sendo que, até a extinção da Companhia de Jesus no século XVIII esta deferiu o ingresso de apenas um único indiano na Ordem, o brâmane Pêro Luís, em 1575 (LACERDA, 2016). Esse argumento nos dá mais nitidez para entender a divisão dentro dos objetivos da própria instituição: temos em Goa, num espaço comum, um Seminário para formar o clero nativo secular e um Colégio para formar os quadros da

Companhia de Jesus. Não é que se descartasse categoricamente o ingresso de nativos na Companhia. Como exemplo da não proibição expressa de ingresso de nativos na ordem, podemos citar trecho de uma carta do secretário de Inácio de Loiola, padre João Polanco, enviada em 21 de novembro de 1555 ao então provincial português da Companhia de Jesus, padre Miguel Torres. Nela, lemos o secretário, que falava por Loiola, escrever o seguinte:

14. Dos meninos que se instruem no colégio de Goa, os mais engenhosos e mais firmes na fé, e de melhores costumes e aparência mais honesta, se poderão admitir para a Companhia, se a ela se inclinarem; se bem que com mais provações que outros, por serem vindos da infidelidade, não com menos vontade se devem abraçar, se saírem bons, que os cristãos velhos, antes parece que com mais alegria, vendo nestas plantas novas tanto mais evidente a graça do que os chamou das trevas da infidelidade à luz da fé e culto Seu (IN: WICKI, 1954, p. 308, tradução livre).⁹

O discurso, longe de uma proibição, parece-nos ser de cautela. Entretanto, retomando Lacerda (2016), o que se efetivou, na prática, foi o não ingresso desses nativos na Companhia de Jesus.

Voltando aos relatos de Gaspar Barzeo, o reitor menciona ainda o Seminário de Santa Fé, anexo ao Colégio, que a essa altura contava com cerca de 100 meninos, entre órfãos, nativos e mestiços, dos quais Micer Paulo tinha cuidado com mais dois irmãos. Menciona ainda que não fez mudanças com relação à natureza desta casa por conta do que fora feito por António Gomes, a partir do que haviam recebido carta do rei para que, tendo em vista os objetivos do Seminário e as doações que foram feitas a ele, visando tais propósitos, não deveria haver mudanças bruscas no mesmo, mantendo sempre sua vocação de formação dos nativos. Parece-nos que algumas mudanças de organização foram empreendidas no que concernia ao Seminário. O que foi feito, segundo o relato do reitor, foi a implantação de mais uma casa, anexa ao Seminário, onde os “orfãos d'engenhos vivos”, mais destacados, fossem ensinados e aprofundados nos estudos, a fim de que auxiliassem diretamente aos padres da Companhia de Jesus, ou atendessem como elementos cristianizadores em suas localidades. Mantendo o caráter multirracial da instituição, o reitor explica as mudanças assim:

⁹ De los niños que se ynstituen en el collegio de Goa, los más ingeniosos y más firmes en la fe, y de mejores costumbres y apparentia más honesta, se podrán admictir para la Compañía, si a ella se inclinaren; y bien que con más probationes que otros, por ser venidos de la infidelidad, no con menos voluntad se deben abrazar, si salieron buenos, que los christianos vyejos, antes parece que con más alegría, viendo en estas plantas nuevas tanto más evidente la gracia del que los llamó de las tieneblas de la infidelidad a la luz de la fe y culto suyo (IN: WICKI, 1954, p. 308).

Os quaes detriminarão [o Reitor Barzeo junto ao Bispo e ao Vice-rei] e lhes pareceo ser muito serviço de Deus, que neste collegio, onde aguora estão os moços, se criassem de contino cem moços da terra e mistiços; e que estes estevesem por tres annos, e os dotrinassem em toda virtude, até saber ler e escrever. E a cabo deste tempo o Reitor desta casa tyvese a cargo de os pôr naquelles officios ou vida que elles escolherem, e de ter sempre cuidado, como pai de orfãos, até serem de idade para por sy ganharem sua vida; e estes orfãos e desemparrados em quem a esmola seja bem empregada, e com estes se guastassem as rendas dos paguodes. E que me pediam que ordenase outro collegio, em que se recolhesem 72 mininos orfãos d'engenhos vivos, e se criassem em virtudes e em as sete artes liberaes e theologia, até serem boons theologos para ajudarem ha Compañia, ou por Irmãos e coadjutores, ou de qualquer maneira que deles se a Compania podese aproveitar, ou, depois de feytos sacerdotes, darem-lhes suas provincias para entender na conversão dos gentios para agmento da Igreja. E o Viso-Rey se ofereceo a me ajudar para yso, tudo o que elle pudese. Este collegio de fora está do circuito, porem pegado com os muros. Os que nelle s'an-de recolher serão os mais deles portugueses, castyços, mistiços, e alguns engenhos bons, que sayrem destoutro collegio dos da terra, permudar-se-ão para laa; [...] E destes tenho eu já 40 dotados de muitas virtudes (IN: WICKI, 1950, p. 593-594).

Vemos uma modificação na organização, mas não na natureza da casa, que continua sendo um lugar para formação de nativos. A diferença é que, dos 100 meninos criados na casa, não havia expectativa, então, que todos se tornassem padres, mas alguns desses poderiam tornar-se elementos nativos cristãos a servir na organização do Estado da Índia. Compreendemos que este necessitava também de quadros capacitados para sua organização enquanto máquina administrativa, quadros esses que provavelmente não vinham do reino na quantidade necessária. O Seminário passou a ser, assim, além de um instrumento formador para as missões de cristianização e catequese, também um espaço importante para a formação daqueles que seriam os funcionários da máquina administrativa do Estado da Índia, algo que, assim como a catequese, era também muito caro ao projeto colonizador português. Essa modificação é também detalhada em carta do mesmo Barzeo ao padre Ludovico Gonçalves da Câmara, escrita em Goa, no começo do ano de 1553 (IN: WICKI, 1950, p. 612-618).

Sobre os modos de ensino e organização do Colégio e do Seminário, o reitor Gaspar Barzeo recebeu por escrito a aprovação de Inácio de Loiola, em termos gerais, em carta enviada por seu secretário, padre João Polanco, escrita de Roma em 24 de dezembro de 1553 (IN: WICKI, 1954, p. 40-45). Nesta carta, o secretário do Padre Geral escreve a Barzeo que Loiola ainda não havia lido as regras do Colégio de São Paulo, mas adianta que o tempo gasto pelos colegiais em orações era superior àquele que estava sendo normatizado pelas *Constituições*, que estavam em fase de redação. Diz ainda que muitas das perguntas que o reitor havia enviado em cartas anteriores seriam respondidas pelas *Constituições*. Ainda sobre as *Constituições*, Barzeo recebeu notícias delas em carta do próprio Loiola, escrita também em Roma, em 24 de dezembro de 1553, em que o

Geral diz que, de Portugal, seriam enviadas cópias das mesmas para a Índia (IN: WICKI, 1954, p. 38-39). Entretanto, em carta escrita em 14 de fevereiro de 1554, de Lisboa, o provincial português Diogo Mirão informa a Loiola que, àquela altura, ainda não havia mandado as ditas cópias para a Índia, por falta de quem as levasse (IN: WICKI, 1954, p. 52-61). As cópias citadas chegaram a Goa apenas em 1555 com o jesuíta António Quadros, fazendo com que Gaspar Barzeo jamais as recebesse. Aliás, o padre Barzeo nem mesmo teve chance de ler as respostas de Loiola ou Polanco, uma vez que falecera em 18 de outubro de 1553 (IN: REGO, 1951, p.133).

No momento da morte do reitor Gaspar Barzeo, Francisco Xavier já era também morto, visto que falecera em 03 de dezembro de 1552. Naquele momento, já havia em Goa notícia de sua morte. Em um documento já citado, Francisco Xavier havia regulado a sucessão do cargo de reitor do Colégio e superior da província, durante sua ausência ou morte. Pelo documento, em que nomeou Gaspar Barzeo como reitor e superior dos jesuítas, em caso da morte deste, deveria assumir o Colégio e a Província o jesuíta Manoel de Moraes. Entretanto o padre Moraes morreu antes de Barzeo. Sendo assim, conforme disciplinado pelo documento, quem assumiu o cargo de reitor do Colégio e superior dos jesuítas na Índia foi o padre Belchior Nunes Barreto, o último ainda com vida na linha sucessória que Xavier deixara (IN: REGO, 1951, p. 132-133).

Breve governo de Belchior Nunes Barreto e interinidade de Baltazar Dias

Respeitando aquilo que havia sido ordenado pelo provincial, os jesuítas do Colégio e da Província como um todo se submeteram à autoridade do padre Belchior Nunes Barreto. Não obstante, devemos problematizar o alcance, ou a força da autoridade do dito padre. Ainda que nomeado por um escrito de Xavier, devemos lembrar que ele era o último da lista de sucessores e, segundo o próprio documento, teria o cargo até que o Geral nomeasse tanto um reitor para o Colégio quanto um provincial para o Oriente. A autoridade do padre Belchior era visivelmente transitória e nem de perto poderia se assemelhar à autoridade que havia tido Xavier. Aliás, também não tinha o mesmo peso que a autoridade que havia pousado sobre Barzeo, considerando que este havia sido investido no cargo diretamente por Xavier ainda em vida – e como primeira opção. Se formos considerar as virtudes da obediência e da humildade, aparentemente tão caras à Companhia de Jesus, o que o padre Belchior deveria fazer, levando em conta o desejo e ordem deixados por Xavier ainda em vida, seria permanecer em Goa, liderar os trabalhos

do Colégio e do Seminário como reitor, gerenciar as situações dos jesuítas em suas localidades como provincial e, enquanto isso, aguardar ou uma confirmação do cargo pelo Padre Geral ou aquele que fosse enviado para substituí-lo. Mas não foi isso que o padre Belchior fez.

A permanência do padre Belchior como superior e reitor em Goa foi, na verdade, pequena. Havendo o padre Gaspar Barzeo falecido em 18 de outubro de 1553, o padre Belchior ficou menos de seis meses nos cargos de reitor e provincial, pois partiu de Goa a caminho das missões no Japão em 16 de abril de 1554 (IN: WICKI, 1954, p. 71-90). Segundo podemos ver na documentação, a decisão do padre Belchior Nunes Barreto de partir rumo ao Japão não foi bem recebida em Goa nem pelas autoridades civis nem pelas eclesiásticas. Posteriormente houve críticas à decisão dentro da própria Companhia de Jesus, principalmente por conta do padre nomeado por Belchior para ficar em seu lugar, o jesuíta Baltazar Dias.

O próprio padre Baltazar Dias, em carta escrita em Goa a 15 de dezembro de 1554, conta da partida de Belchior Nunes Barreto e de como este o havia deixado em seu lugar, “com o cargo de toda a Yndia”. O agora reitor e provincial destaca em sua carta a reputação da Companhia de Jesus naquelas partes, dizendo que a procura por “conselhos” ou “pareceres” no Colégio de São Paulo era muito grande, pois “[...] todas as partes da India vem perguntara este collegio porque tem nestas partes a Companhia tão grande credito, que, nenhum homem se quieta com parecer doutro Padre senão dela” (IN: WICKI, 1954, p. 155-161).

A situação do Colégio no início do governo de Baltazar Dias parecia ser análoga àquela que anteriormente se mostrava, com poucas mudanças. Podemos ver isso em carta do jesuíta Frei Aires Brandão, endereçada aos jesuítas em Coimbra. A missiva foi escrita em Goa, datada de 23 de dezembro de 1554 (IN: WICKI, 1954, p. 163-196). Na carta, Brandão faz uma compilação sobre vários aspectos e lugares das missões na Índia, além de contar todo o desenrolar desde o adocimento de Gaspar Barzeo até a partida de Belchior Nunes Barreto e a ascensão ao cargo de Baltazar Dias. As informações ali contidas a respeito do número de internos e de padres e irmãos da Companhia muito se assemelham a informações anteriormente apresentadas, com pequenas variações apenas.

Leremos algumas críticas à situação do Colégio de São Paulo em carta do vice-rei da Índia, D. Pedro Mascarenhas, escrita em 07 de janeiro de 1555, de Goa a Portugal, ao provincial português Diogo Mirão (IN: WICKI, 1954, p. 212-216). Ao falar sobre sua

chegada à Índia e o estado de coisas que havia encontrado, o vice-rei assim faz seu diagnóstico da situação:

3. A seu collegio de Sam Paulo hachei desbaratado de Padres pollos muytos que N. S. foi servido de levar para si. [...]

4. Em Sam Paulo não ay mays de tres Padres de missa como Padre Reitor Balthazar Dias o qual me dixeu que, por ser poucos e estarem derramados, não podia aqui ter os que avia mester; de meninos lhe achei bom golpe, y alguns Yrmãos leigos, Esta casa tem muyta renda para si e para poder partir com outra; o que lhe falta são obreiros para o que ella foi fundada e dotada, e a culpa hé dos Padres que a governam, que sam muy avarentos; de mais ay cá o que vossa obrigação pede (IN: WICKI, 1954, p. 214).

Podemos ler acima uma crítica, possivelmente, à concentração de rendas no Colégio de São Paulo. As doações e rendas do Colégio eram amplas (BORGES, 2021) e, ao que nos parece, o vice-rei era de posição de que tais rendas deveriam ser mais bem distribuídas a outras localidades, o que aparentemente, na opinião dele, não estava acontecendo. Na sequência do documento vemos pedidos de mais padres da Companhia para o Colégio, numa verdadeira cobrança para que a instituição pudesse ter os quadros necessários para atender à Índia, sempre tendo em vista as dotações financeiras que tinham sido destinadas para isso.

Certa insatisfação é mostrada também em carta do jesuíta Nicolau Lancelote a Inácio de Loiola, escrita em Coulão a 12 de janeiro de 1555 (IN: WICKI, 1954, p. 216-228). O padre Lancelote argumenta em sua carta, referindo-se à bula *Licet debitum*¹⁰, emitida pelo papa Paulo III em 1549, que, morrendo o provincial, como havia ocorrido com Xavier, o correto seria que os padres da Companhia fizessem uma eleição, designando entre si um substituto até que o Padre Geral mandasse ou indicasse outro. Entretanto conta que, considerando a distância desses padres e pelas dificuldades em juntá-los, tiveram por bem, em consenso entre alguns da Companhia, manter o designado por Xavier, ou seja, deixar o padre Belchior Nunes Barreto no cargo, interpretando ainda que este, quando viera para a Índia, já havia sido mandado de Portugal com esse intuito. Para dirimir resistências ou dúvidas, alguns padres, recebendo a notícia da morte de Xavier, articularam-se e escreveram a padre Belchior que davam a este “seus votos”. Usaram, como justificativa, também o argumento de que o padre Belchior seria, naquele momento, o padre mais “letrado” da Companhia na Índia, condição, segundo Lancelote, necessária para presidir o Colégio de Goa. Lancelote completa dizendo que, com relação aos jesuítas que assim consentiram, “[...] nossa

¹⁰ O título da bula não está expresso no documento, entretanto, esta é a bula que disciplinava a sucessão ora em questão, além de outros assuntos relacionados à Companhia de Jesus.

entenção era que Mestre Melchior Nunez estivesse em Guoa, e com suas letras e autoridade authorisase a Companhia” (IN: WICKI, 1954, p. 219). Como vimos, o padre Belchior resolveu partir em missão para o Japão, o que não deixou de surpreender seus companheiros, que estavam sob seu comando. O padre Lancelote descreve assim sua surpresa:

No mez de Janeiro foy o Padre Mestre Melchior pera Guoa, usando do seu cargo com consentimento de todos. En Abril o seguinte, offereceu-se hir hum capitão pera Malaqua e aver boas novas de Japão. Pareceu bem ao Padre Mestre Melchior yr en pesoa a Japão, e deixar en seu lugar hum Padre que viera aquelle mesmo ano de Purtugual, que se chama Balthesar Diaz; e a sua partida foy tão repentina, em tam breve tempo detriminada que não deu a ningem conta della senão aos que estavam en casa (IN: WICKI, 1954, p. 220).

A surpresa de Lancelote se dava tanto pela partida sem aviso do provincial e reitor quanto pela nomeação, também unilateral, do substituto, um padre que havia pouco chegado do reino e, podemos inferir, ainda não familiarizado com a missão indiana, ou mesmo com o Colégio. Não obstante, Lancelote informa a Loiola que “Por sima de tudo isto todos obedecemos ao Padre Balthesar Diaz (até V. R. prover)” (IN: WICKI, 1954, p. 220).

Acreditamos que esse momento se configurava num vazio de comando da Companhia de Jesus na Índia. Entendemos “vazio de comando” como uma crise de autoridade na Província do Oriente da Companhia de Jesus e, por consequência, no Colégio de São Paulo. Se já havíamos questionado a força da autoridade de Belchior Nunes Barreto como superior e reitor, ainda mais questionável era a autoridade – e mesmo o preparo – de Baltazar Dias. O que denotamos aqui é a falta de uma autoridade formalmente constituída sobre a Companhia de Jesus na Índia após as mortes de Francisco Xavier e Gaspar Barzeo: depois disso havia superiores/reitores interinos, sem autoridade forte perante os demais jesuítas e mesmo perante as autoridades civis e eclesiásticas de Goa, por não serem confirmados nem pelo provincial de Portugal, nem pelo Padre Geral e, nem ainda, poderem ser confirmados por uma autoridade local com a força que tinha Xavier. Vemos nesse momento um período de transição, em que grandes mudanças não foram – nem poderiam ser – feitas na estrutura e organização do Colégio, pela simples debilidade de sua autoridade superior, ou seja, de seu reitor. Ainda na carta do padre Lancelote, lemos sobre o reitor Baltazar Dias que, segundo relatos, “[...] preguia com muito fervor, e muitas vezes na somana; **apraz muito ao povo pequeno** por ser fervente e audax, **mas os grandes e letrados não se contentão tanto delle como o povo comun, por elle não ser letrado**” (IN: WICKI, 1954, p. 227, sem grifos no original).

Caminhando para o fim de sua missiva, o padre diz a Inácio de Loiola a respeito da Companhia na Índia que

Se V. R. quer Companhia na Índia, á-de prover dum Provincial que tenha muitas partes, porque, alem de ser necessario ser docto e spiritual, hé necessario saber entender todos os negócios seculares, porque tudo lhe á-de passar pollas mãos. Alem disto, que tenha donum regiminis [dom para governo] [...] (IN: WICKI, 1954, p. 227).

A crítica tanto à partida de Belchior Nunes quanto à capacidade de Baltazar Dias para o serviço designado não está circunscrita à carta do padre Lancelote ora apresentada. Há também duras críticas escritas em carta do provincial português Diogo Mirão a Inácio de Loiola, de Lisboa, em 05 de setembro de 1555 (IN: WICKI, 1954, p. 283-286). O primeiro a receber críticas foi Belchior Nunes Barreto, que teve sua viagem novamente caracterizada como “repentina”. Além disso, o provincial português diz que o rei D. João III também não havia se agrado, pois a vontade deste era que os da Companhia “fizessem fruto” em suas terras, o que não incluía o Japão (IN: WICKI, 1954, p. 284). Ademais, há uma crítica direta à nomeação de Baltazar Dias como reitor e provincial:

E ainda mais nos espantamos de deixar por seu vigário na Índia o padre Baltazar Dias, que sabe muito pouco, e aquí não entendí o latim da Summa Gaietana¹¹, nem é homem que entra muito nas coisas assim espirituais como das letras; é muito ativo e de fervor; e não creio que tem muita experiencia nas coisas espirituais, e sobre isto, ver o que ele faz agora em pregar, confessar e reger, temo que não se sigam grandes inconvenientes. Escrevo isto para que V. P. proveja com parecer mais glória de nosso Senhor. (IN: WICKI, 1954, p. 284-285, tradução livre)¹²

Vemos que não apenas uma fonte destaca a insuficiência de Baltazar Dias para a tarefa de reitor do Colégio de São Paulo. Temos ainda carta escrita em 22 de outubro de 1555 pelo secretário de Loiola, padre João Polanco, pedindo que o padre Ludovico Gonçalves providenciasse outro provincial para a Índia “de más talento que Balthasar Diez” (IN: WICKI, 1954, p. 286-287). Outra carta do mesmo João Polanco, em que se trata do mesmo assunto – entre outros – é enviada em 21 de novembro de 1555 ao novo provincial português, padre Miguel Torres. Na carta ao provincial Torres o secretário

¹¹ Obra teológica do italiano, dominicano, filósofo, teólogo e exegeta *Tommaso De Vio*, conhecido como *Caetano* (1469-1534).

¹² Y aun más nos espantamos de dexar por su vicario en la India al P. Baltazar Dias, que sabe muy poco, y acá no entendia el latín de la Summa Gaietana, ni es hombre que entra mucho em las cosas assí spirituales como de letras; es activo mucho y de fervor; y no creo que tiene mucha experiencia de las cosas spirituales, y sobre esto ver lo que él haze allá agora en predicar, confessar y reger, temo que no se sigan grandes inconvenientes. Escrivo esto para que V. P. provea como le paresciere ser más gloria de nuestro Señor (IN: WICKI, 1954, p. 284-285).

de Inácio de Loiola informa que em Roma não havia jesuítas disponíveis para a Índia, nem para o cargo de reitor de São Paulo nem para o de provincial – o que denota o desejo de novamente separar as duas funções – e que os candidatos a tais cargos deveriam ser encontrados por Torres em Portugal ou reinos vizinhos. Polanco cita dois nomes, os dos padres Francisco Rodrigues e D. Gonçalo: a escrita não é clara, com Polanco ora dizendo que um poderia ser provincial e outro, auxiliar, ora trocando-os de função, o que denota que, naquele momento, eram apenas possibilidades que se discutiam, ainda sem uma decisão final tomada (IN: WICKI, 1954, p. 302-311).

Uma nova leva de padres jesuítas chegou a Goa em setembro de 1555, sendo recebidos no Colégio de São Paulo pelo reitor Baltazar Dias e demais irmãos da Companhia. Entre os jesuítas que chegavam estavam os padres Emanuel Fernandes, Belchior Carneiro, Jerônimo de Quenca e António Quadros, que escreve uma carta ao provincial português, estando já em Goa, em 06 de dezembro de 1555, em que narra a chegada à Índia e dá informações sobre o Colégio de São Paulo (IN: WICKI, 1954, p. 329-354).

Quem também narra a chegada dessa nova leva de inacianos em Goa é o jesuíta Frei Aires Brandão, que escreve uma carta geral do Colégio de São Paulo endereçada aos confrades da Companhia de Jesus em Portugal. A carta é feita por ordem do reitor Baltazar Dias em 15 de dezembro de 1555 (IN: WICKI, 1954, p. 365-378). Nesta carta há detalhamento de algumas atividades do Colégio e, ainda, a menção à chegada dos novos padres da Companhia em setembro de 1555. Esses padres não eram destinados a ficarem todos em Goa, mas, para que o tempo destes não ficasse perdido enquanto não fossem distribuídos para as localidades determinadas, o padre Baltazar conferiu tarefas para cada um, determinando estudos universais de Gramática, Lógica e Casos de Consciência no Colégio. Há também a informação de que esses padres trouxeram consigo uma cópia das Constituições para o Colégio de São Paulo, sendo mostrado que “O P.^e Melchior Carneiro [...] todos os dias lee huma lição de casos de consciencia a muytos clérigos e leigos que a ella vem, e lê-a segundo as regras das Constituições¹³” (IN: WICKI, 1954, p. 375). Outro documento muito importante trata-se de um catálogo dos jesuítas no Oriente, uma “Lista dos padres e irmãos que estão na Índia”, com os padres e irmãos jesuítas divididos por localidades em que se encontravam naquele momento, dezembro de 1555. Interessante que, entre as localidades e ocupações, há duas entradas que

¹³ Sabemos que as *Constituições* foram promulgadas apenas em 1556, o que não é impeditivo para que uma versão, mesmo preliminar, tenha sido levada a Goa em 1555.

separam os “Maestros del latim y leer” e os “Logicos” do Colégio de São Paulo (IN: WICKI, 1954, p. 409-412).

Tendo estado havia pouco mais de um ano como reitor e provincial, ao fim de 1555 o padre Baltazar Dias convocou os padres da Companhia de Jesus a Goa para, em conformidade com a já citada bula *Licet debitum*, pudessem eleger um provincial para a Índia. A informação consta em carta do padre Henrique Henriques a Inácio de Loiola, escrita em Punicale, entre 25 e 31 de dezembro de 1555 (IN: WICKI, 1954, p. 412-427). Nela o padre Henriques explica que foram todos chamados pelo reitor Baltazar Dias para Goa, a fim de elegerem o novo provincial, e que aqueles que se encontrassem impossibilitados para ir poderiam mandar seus votos por escrito. Em algo que pode ser lido talvez como uma crítica velada a Belchior Nunes Barreto, o padre Henriques escreve que o novo provincial, ou o eleito ou o que fosse por Loiola mandado, deveria ser por ele instruído de não se ausentar da Índia:

Parece-me cousa muy conveniente mandar V. P. ao Provincial que quá for electo ou ao que vier de lá, se não vaa fora da India, porque as ydas pera muy longas provincias podem causar algumas faltas e inconvenientes cá nestas partes. Se nisto que digo ay erro, minha ignorancia o causa, fundada sobre huum desejo grande que as cousas da Companhia vão em muyto crescimento pera muyto louvor de Christo (IN: WICKI, 1954, p. 424).

Na eleição convocada por Baltazar Dias foi eleito provincial e reitor o recém-chegado padre António Quadros, dando início a um novo período na Companhia de Jesus na Índia e, sobretudo, no Colégio de São Paulo. Ainda que não enviado diretamente por superiores jesuítas de Portugal ou Roma, o fato de ter sido eleito por um colegiado de padres da Companhia de Jesus dava ao novo líder uma legitimidade de autoridade ao menos superior à de seu antecessor Baltazar Dias.

Governo do Superior e Reitor António Quadros

Com o padre António Quadros eleito por reitor, vemos nos documentos a continuidade dos trabalhos empreendidos no Colégio, entretanto aguardando-se a provisão, a partir de Roma ou Portugal, de um provincial e um reitor, que viessem então nomeados para um tempo de governo talvez mais longo do que as últimas interinidades haviam proporcionado.

Em carta escrita pelo jesuíta Frei Marcos Nunes, de Goa, em 04 de janeiro de 1556 aos irmãos da Companhia de Jesus em Portugal, podemos ler mais relatos sobre o ensino de Lógica, Latim e Gramática no Colégio (IN: WICKI, 1954, p. 436-445). O padre

ali qualifica os nativos como “curiosos”, relatando que as aulas eram muito procuradas: “às quais vem muita gente, por ser nestas partes muito curiosa”¹⁴. Nesta carta, ainda, há a observação de que havia pessoas de outras localidades que se deslocavam esporadicamente até Goa para frequentar essas aulas e que, considerando-se as classes de humanidades mais as aulas de ler e escrever, haveria naquele momento cerca de 500 alunos que passavam pela instituição (IN: WICKI, 1954, p. 445).

A crermos no relato da carta supracitada, vemos aqui 500 estudantes recebendo formação e doutrina no Colégio de São Paulo. Esses alunos eram tanto de Goa – em sua maioria – quanto externos, de outros lugares, sendo ali ensinados e doutrinados. Esse certamente é mais um fato a reforçar o argumento de que o Colégio de São Paulo foi um importante, talvez o principal, centro de dispersão cultural portuguesa na Índia, contribuindo significativamente para o processo de “aportuguesamento” (PAIVA, 2006) não apenas em Goa, mas ainda nos demais espaços de influência cultural, religiosa e comercial portuguesa. Certamente em Goa é que vimos a maior força desse processo, até mesmo pela capacidade militar da Coroa Portuguesa para impô-lo. Entretanto não podemos perder de vista que em outros espaços, mesmo aqueles de menor força portuguesa, também houve o alcance de influências da cultura, da catequese e do aportuguesamento empreendidos no Colégio de São Paulo.

Ainda do início de 1556, datada do dia 28 de janeiro, temos nova carta de Nicolau Lancelote a Inácio de Loiola (IN: WICKI, 1954, p. 451-455). Escrevendo de Cochim, o padre Lancelote conta a Inácio de Loiola a respeito da eleição de António Quadros para provincial e reitor. É uma missiva curta, mas que nos chama atenção por uma observação feita por Lancelote já no fim da mesma, em que ele fala especificamente sobre o edifício em que se encontrava o Colégio de São Paulo. Segundo o padre, o lugar era ruim, “doentio” e considera que apenas por milagre alguém terminaria lá seus estudos sem adoecer¹⁵:

O colegio de Guoa hé tão doentio, tão abafado, que hos Padres e Irmãos que nele vivem som cassi todos doentes por os continuos enxer[c]cios e trabalhos corporais e spirituais, e são todos de tão fracas forças que hé pera aver doo deles. [...] por maravilha acabará alguem os estudos en Guoa sen adoecer (IN: WICKI, 1954, p. 455).

¹⁴ “a que viene mucha gente, por ser en estas partes muy curiosa”.

¹⁵ Vemos no mesmo documento que o padre Lancelote estava muito doente – “enfermidade de tísica” – segundo seu próprio relato, apenas esperando a morte (IN: WICKI, 1954, p. 451-455). Talvez seu estado físico tenha-o compelido a apontar as observações que fez sobre a saúde dos padres e irmãos do Colégio de São Paulo.

A maioria das falas a respeito do Colégio leva em conta apenas seus aspectos educacionais, culturais e espirituais. Dessa forma é interessante vermos um relato que, para além disso, problematiza também o edifício, a construção sob a qual se abrigavam aqueles padres, irmãos e colegiais. Importante lembrar que, no contexto da Companhia de Jesus, o Colégio não se configurava apenas como um local de aulas, de estudos, mas como moradia: o Colégio era a casa do jesuíta e, ainda, dos alunos. Em muitos documentos podemos ver queixas de que os padres e missionários “não duravam” na Índia, ou seja, que a vida lhes acabava precocemente – até para os padrões da época. Considerando as diferenças não apenas culturais, mas ainda climáticas e alimentares, para além do esforço físico empreendido por alguns padres nas missões, faz sentido a queixa de Lancelote a respeito do edifício do Colégio, tendo em vista a necessidade de amparo mínimo às condições físicas dos padres que precisavam desempenhar a missão.

O período de governo de António Quadros como reitor e provincial também não foi amplo, pois os planos que o secretário de Loiola, padre João Polanco, escrevera ao provincial português Miguel Torres (IN: WICKI, 1954, p. 302-311) foram levados a cabo. Em carta a Loiola, escrita em Lisboa em 07 de abril de 1556, o padre Miguel Torres informa a partida, em novembro de 1555, dos padres D. Gonçalo e Francisco Rodrigues, o primeiro enviado como provincial da Companhia de Jesus e o segundo como reitor do Colégio de São Paulo. Junto deles foram enviados também o patriarca para a Etiópia – ou para “o Preste” – D. João Nunes Barreto, o novo bispo, Andrés de Oviedo, e mais alguns padres e irmãos para reforçar os quadros da Companhia de Jesus na Índia (IN: WICKI, 1954, p. 473-477). A ida desses padres, com a nomeação oficial e superior tanto de um novo provincial quanto de um novo reitor, representava, a nosso ver, uma guinada para a missão jesuítica na Índia. Como viemos insistindo, desde as mortes de Francisco Xavier e de Gaspar Barzeo não houve na Índia uma nova autoridade jesuíta fortemente constituída. Desde fins de 1553, o que ocorreu foi uma sucessão de superiores e reitores temporários, sem aval expresso das autoridades eclesiásticas europeias como Loiola ou Miguel Torres, denotando certa desorganização tanto no Colégio quanto na Província como um todo. Ao se constituir um provincial e um reitor, enviando com eles ainda outros padres e irmãos para a missão, é como se a Companhia de Jesus estivesse provendo a Província oriental e o Colégio de São Paulo com o “socorro” que lhes era necessário naquele momento. A comitiva chegou a Goa em setembro do ano de 1556.

Datado do mesmo ano de 1556, do início de novembro, temos mais uma lista de estudantes do Colégio de São Paulo. Desta vez é um “Rol dos meninos que há no Collegio

à entrada de novembro de 1556” (IN: WICKI, 1954, p. 483-488). Esse rol lista 110 meninos residentes no Colégio e é bem específico, separando-os por suas nacionalidades e mencionando o nome de cada um deles, além do tempo em que já estavam na casa. Do documento, podemos ver que havia no Colégio – guardadas as nomenclaturas originais – 19 portugueses, dez castiços, 15 “Mistiços”, 13 “malavares”, 21 “Canarins”, cinco “Chinas”, cinco “Bengalas”, dois “Pegus”, três “Cafres”, um “Guzarate”, um “Armenio”, cinco mouros, seis “Abexins” e quatro “Dacanins”, totalizando então os 110 meninos internos da casa. Vemos aqui que a multirraciedade continuava a ser um importante quesito para o Colégio, visto as diversas procedências desses meninos, vindos de todos os lados e lugares daquele amplo conceito português do século XVI, à genérica denominação das “Índias”.

Voltando a um assunto já mencionado, percebemos nesse documento também que, apesar das diferentes procedências, todos os meninos tinham nomes portugueses, mostrando-nos novamente um exemplo prático das ações de aportuguesamento dos nativos, empreendidas a partir do Colégio de São Paulo. O ato do batismo não se dava apenas para a promulgação de um ritual cristão de passagem. Esse ato, o batismo, marcava ainda a entrada do nativo na cultura e sociedade portuguesas, daí a importância da mudança de nome. De certa forma, esta prática representava o abandono da gentilidade para ingresso na cristandade, era um abandono até mesmo de suas origens, para tornar-se um cristão e um português: o batismo se mostrava ali um importante marco de entrada ao processo de aportuguesamento, iniciando pela mudança do nome gentio para o nome cristão e culminando na obrigatoriedade de render adoração e subserviência ao Deus cristão e, por consequência, obediência ao rei português, bem como aos representantes de Deus, os padres que então lhes serviam de guias nesse profundo processo cultural e religioso.

Ao fim de 1556, mais especificamente datada de 19 de novembro, temos uma detalhada carta escrita pelo frei Aires Brandão, por ordem do reitor Francisco Rodrigues, endereçada aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. Era uma carta, segundo o próprio Brandão anota já no início, específica para informar aos irmãos o andamento dos trabalhos no Colégio de São Paulo. Nela, o padre parte do relato desde a eleição de António Quadros até a chegada do novo reitor Francisco Rodrigues (IN: WICKI, 1954, p. 564-584).

O relato de Brandão corrobora a informação de que, sob o governo de António Quadros, iniciou-se a aplicação das *Constituições* – que haviam sido trazidas pelo próprio

Quadros – como regra de funcionamento do Colégio. O padre informa que “Dispois que o P.^e Antonio de Quadros começou de entender em seu officio, detriminou logo o melhor que pudesse de procurar a observancia das Constituçõis e regras que elle mesmo trouxe [...]” (IN: WICKI, 1954, p. 567). À época, havia já três classes de humanidades no Colégio, e dois irmãos – da Companhia, não nativos ainda – haviam sido ordenados sacerdotes. Para denotar a grande procura das pessoas pelas pregações e ofícios aos quais atendiam os padres do Colégio, frei Brandão afirma:

[...] e hé este hum tempo e são estas humas pregações em que bem posso dizer, segundo o que sempre vi, que nem quatro igrejas do tamanho desta que temos, que não hé muito pequena, bastarião pera recolher a jente, porque assi igreja como alpendres ao redor e crastas e coro in riba se enche, afora outra muita que se torna por não ter donde estar. [...] E hé e era a devação tanta na gente da cidade, que ao tempo do abrir da porta da igreja era já tanto o numero de homes e molheres que esperavão, que, com desejo de lugares ao entrar, caião huns por riba dos outros a quem primeiro tomaria o lugar. E ver-se isto na India, Irmãos meos, hé muito pera se glorificar Deus Nosso Senhor (IN: WICKI, 1954, p. 568).

Se havia exagero ou não na fala de frei Brandão não podemos saber ao certo, mas o fato de que as populações locais, tanto nativos quanto portugueses, conferiam grande importância ao Colégio de São Paulo e que concorriam a ele para batismos, pregações, confissões, procissões e outros ritos cristãos é amplamente confirmado por diversas e diferentes fontes constantes na documentação. Dessa forma, podemos afirmar claramente que o Colégio de São Paulo tinha e exercia grande influência sobre a vida religiosa e cotidiana dos habitantes da Índia e, sobretudo, de Goa.

Nas classes de humanidades acima citadas, Brandão afirma que havia duas com cerca de 40 alunos e uma com cerca de 70. Estudavam o que já fora mencionado anteriormente: haviam deixado de ler Cícero e Virgílio e passavam a ler Ovídio¹⁶. Há também informação de duas classes de Filosofia, em que os estudantes liam Aristóteles (IN: WICKI, 1954, p. 573-574). Sobre as aulas de ler e escrever o correspondente nos diz que, naquele momento, passavam de 450 meninos, dos quais alguns haviam já saído para os estudos no Colégio, e a expectativa que os padres do Colégio tinham é que houvesse ainda mais meninos dessas aulas aptos a ingressar nos estudos superiores no Colégio. Ainda sobre essas aulas elementares, frei Brandão faz uma observação citando diretamente o ensino também de aritmética para os alunos (IN: WICKI, 1954, p. 575).

A menção ao ensino da aritmética é importante, pois, num ambiente comercial como era Goa, e o Estado da Índia como um todo, esse ensino representava um

¹⁶ Públio Ovídio Naso, poeta romano, viveu de 43 a.C a 17 (ou 18) d.C.

destacável atrativo a cativar também os naturais da terra. O ensino de aritmética respondia, nesse sentido, talvez a um anseio dos próprios autóctones a receber uma formação que auxiliaria no comércio quanto no próprio aparato do Estado da Índia, por ajudar – novamente afirmamos – a formar quadros qualificados para auxiliar em seu funcionamento.

A carta informa ainda que existia um hospital para os cristãos, anexo ao Colégio, do qual cuidava Micer Paulo. Nesse hospital se fazia a catequese destinada às mulheres e meninas nativas, por não haver outro lugar apropriado próximo e não poderem estas se misturar aos meninos e irmãos das escolas do Colégio (IN: WICKI, 1954, p. 576). Sobre os convertidos, Brandão conta que estes eram catequizados e ensinados “em a ley dos christãos” antes do batismo e que, depois de batizados, procedia-se com eles conforme sua “natureza”, ou “qualidade”. Leiamos o padre:

Destes christãos que se fazem, **segundo a qualidade da pessoa**, asi se detremina delle dispois de ser bautizado: porque huns se vão logo pera suas casas por serem **peçoas de mais respeito e de quem se sente mais confiança**, outros até se corroborarem bem na fé de Christo N. S. fiquão em casa [no Colégio] por algum tempo, outros **se dão a peçoas pera servirem** e são peçoas que semtem que lhe não farão dano, **outros se poem a officios**, os que pera iso são, **outros se casão**; de maneira que no que se pode os favorecem muito por ser muito necessario por causa [de sua fraqueza] e por até agora ser huma das causas por que se não tem feito nesta ilha de Goa, e assi em todas as partes da India mais christãos, foy sempre o mau trato que elles recebião e recebem até agora dos mesmos portugueses. (IN: WICKI, 1954, p. 576, sem grifos no original)

O controle exercido pelo Colégio, por seus padres, sobre os convertidos é claro nesse excerto. Os jesuítas do Colégio preocupavam-se não apenas com a conversão, mas com a pós-conversão também. Exerciam um controle ao ponto de normatizar quais convertidos iriam para casa – “peçoas de mais qualidade” –, quais seriam dados para servir – possivelmente peçoas de menos posses ou convertidos de castas baixas do hinduísmo – e, ainda, quais seriam postos nos “officios”, certamente trabalhos no Estado da Índia, quais se casariam... A Coroa Portuguesa presente em Goa possibilitava tudo isso. A existência do Colégio e a força normatizadora que seus padres exerciam sobre os convertidos só se explicam num contexto em que a Coroa Portuguesa dava ao jesuíta o poder de realizar tudo isso. Portanto, é coerente que tal estrutura, como a do Colégio, nesses moldes e abrangência, tenha sido possível apenas em Goa, pois era ali que o forte domínio português – bélico inclusive – permitia a existência dessas práticas e dessa instituição.

Com os internos, tanto nativos quanto europeus, a obediência era também um importante ativo de formação do caráter. Principalmente – mas não exclusivamente – no

que concerne aos internos destinados à Companhia de Jesus, o controle do dia a dia para formação de uma, podemos dizer, personalidade cristã era muito forte. Os noviços inicialmente destinados a serem sacerdotes jesuítas precisavam, a fim de servir realmente a Ordem, ter o seu comportamento, sua personalidade de maneira geral moldados para uma vida religiosa e, talvez mais que isso, uma vida jesuíta. É uma das coisas que podemos ver numa carta do frei Luís Fróis, escrita a mando do reitor Francisco Rodrigues, aos irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra, em 30 de dezembro de 1557 (IN: WICKI, 1954, p. 698-730). Ao falar dos costumes do cotidiano no Colégio de São Paulo, Luís Fróis assim descreve as atividades dos internos:

Seu comum e mais frequentado exercitio hé fazerem-se domésticos na obediencia e apurarem-se na perfecta custodia e observantia das regras geraes e particulares de casa; e pera com maior facilidade aquirirem habito nellas, os que não estudão tem todos os dias duas horas de oração mental alem de seus exames e devações extraordinarias. E na ora do repouso tem sempre hum Padre consigo que lhes pratica alguma cousa do spiritiu; aos domingos e sanctos à noite ay conferentias de cousas spirituaes, e todas as sextas-feiras praticas sobre alguma virtude particular. O Padre Antonio de Quadros lhes pratica todos os dias as meditações, e, de quando en quando, os exhorta nellas e lhe dá muitos atalhos para em breve tempo se consumarem no effecto da religião (IN: WICKI, 1954, p. 702)

Tal formação mostra-se voltada a todos os âmbitos da vida. Para além dos estudos de retórica, Filosofia ou Teologia, o que se pretendia era, sem dúvida, a formação de um caráter religioso. Isso faz ainda mais sentido quando pensamos nos nativos a serem formados: deveriam voltar para suas localidades, mas não como aqueles que de lá haviam saído, deveriam voltar transformados, tornados em sacerdotes, participantes e anunciantes de uma nova cultura, religião e, ainda, de um novo modo de viver. Na mesma carta, Fróis descreve aquilo que considera alguns resultados desse trabalho com os nativos:

[...] allguns de seu próprio moto pelo sabor que acharão nas cousas de Deus trocarão a scientia pela religião e se meterão en S. Francisco e Sam Domingos; e bem creo que se a Companhia quisese lançar mão delles que não faltarião, porque os mais delles parece que se afeiçoão à vida religiosa. E sem duvida, charissimos, que o amor da virtude e avorecimento de vicios nos moços da India é tanto pera se estimar, que certo tenho ser este hum dos grandes e particulares serviços que a Companhia faz a Deus Noso Senhor nesta terra e no ensino dos moços: porque a criação delles e abundancia de seus mimos e maos costumes e a larguesa da vaidade en seu tratamento é mui alongada en tudo dos de Portugal; **e asi feitos domesticos e criados em bons costumes, acontece que, por doutrina dos filhos, vem os paes e mãis entrarem muitas vezes em si e confesarem-se, mudando a vida e costumes** (IN: WICKI, 1954, p. 706, sem grifos no original).

Os dois excertos mostram como a formação dos nativos, em certos momentos, já extrapolava os limites do Colégio, servindo estes nativos como elementos divulgadores da religião cristã, dos bons costumes, das culturas europeia e portuguesa.

A carta continua na sequência descrevendo as doutrinas que se faziam todos os dias com as crianças da cidade, no hospital, para os escravos... O que transparece na leitura é que, aparentemente, em todos os aspectos e lugares da cidade de Goa havia um elemento do Colégio de São Paulo presente a ensinar, repreender, doutrinar, pregar a religião cristã (IN: WICKI, 1954, p. 698-730).

Sob Francisco Rodrigues as atividades do Colégio permaneceram ativas, tanto para com os naturais da terra como para os europeus que vinham a Goa completar seus estudos a fim de ingressar na Companhia de Jesus. No ano de 1558 parece ter-se solidificado o estudo mais sistemático de Teologia no Colégio. Tal informação é dada por Souza (2000, p. 123) que diz que em 1558 o Colégio já podia “conferir graus acadêmicos em Teologia”. Encontramos também corroboração da informação em carta do jesuíta padre João de Mesquita para a Companhia de Jesus em Portugal, escrita de Punicale em 01 de dezembro de 1558 (IN: WICKI, 1956, p. 118-129). Na carta o padre conta que, quando ainda estava em Goa, no Colégio, “Tãobem me mandarão ler philosophia por falta doutros, para o P.^e Antonio de Quadros poder ler theologia, o qual tinha já acabada a lógica [...]” (IN: WICKI, 1956, p. 120).

Considerações Finais

O Colégio de São Paulo, em Goa, constituiu-se como um centro irradiador da ação da Companhia de Jesus no Oriente. Foi, no século XVI, o principal colégio dos jesuítas naquelas partes. Estudar a trajetória da instituição, em consonância com “as gentes” por ela administradas, contribui, em sentido lato, para a compreensão da própria presença jesuítica (e portuguesa) no Oriente.

As atividades empreendidas pelos padres da Companhia de Jesus na Índia, em grande parte centralizadas no Colégio de São Paulo, são, sobretudo, atividades culturais, religiosas, educacionais. Olhar para tais atividades e seus impactos na sociedade local da época nos ajudam a compreender a dinâmica das interações entre religiosos e nativos, entre religiosos e autoridades civis do Estado da Índia, e, ainda, as interações dos próprios religiosos entre si.

Este trabalho pretendeu lançar luz sobre o período do recorte, sobretudo sobre as dinâmicas da hierarquia jesuítica e espera, assim, contribuir para o desenvolvimento dos debates historiográficos a respeito da Companhia de Jesus e do Oriente Português.

THE SOCIETY OF JESUS IN INDIA AND THE COLLEGE OF SÃO PAULO IN GOA: EXPERIENCES FROM 1552 TO 1558

Abstract: The Jesuit presence in the State of India dates back to 1542, when Francisco Xavier arrived in Goa. In 1548, the Jesuits founded the College of São Paulo, which became the reference center for the activities of the Society of Jesus in the East. The objective of this work is to discuss the College of São Paulo and the activities undertaken through it in the period between 1552 and 1558. In 1552 Francisco Xavier sets out on his mission to China, leaving Father Gaspar Barzeo in his place. Xavier's death still occurs in 1552 and that of Barzeo in 1553. After that, there is a period that we call in the work as a "command vacuum" in the Jesuit hierarchy in India, only remedied with the arrival of the new provincial and rector, in 1558. The sources used are contained in volumes II, III and IV of the Documenta Indica and in volume V of the Documentation for the history of the missions of the Portuguese Patronage of the East. It is concluded that the activities undertaken by these priests are, above all, cultural, religious and educational activities. Looking at these activities and their impacts on the local society at the time helps us to understand the dynamics of social and cultural interactions and power relations existing in the period studied.

Key words: College of São Paulo. Company of Jesus. Goa. State of India.

LA COMPAÑÍA DE JESÚS EN LA INDIA Y EL COLEGIO DE SÃO PAULO EN GOA: VICISITUDES DE 1552 A 1558

Resumen: La presencia jesuita en el Estado da India se remonta a 1542, cuando Francisco Xavier llegó a Goa. En 1548, los jesuitas fundaron el Colegio de São Paulo, que se convirtió en el centro de referencia para las actividades de la Compañía de Jesús en Oriente. El objetivo de este trabajo es discutir el Colegio de São Paulo y las actividades realizadas a través de él en el período comprendido entre 1552 y 1558. En 1552 Francisco Xavier partió en su misión hacia China, dejando en su lugar al Padre Gaspar Barzeo. La muerte de Xavier todavía se produce en 1552 y la de Barzeo en 1553. Después de eso, hay un período que llamamos a la obra como un "vacío de mando" en la jerarquía jesuita en la India, sólo remediada con la llegada del nuevo provincial y rector, en 1558. Las fuentes utilizadas están contenidas en los volúmenes II, III y IV de la Documenta Indica y en el volumen V de la Documentación para la historia de las misiones del Patronato Portugués de Oriente. Se concluye que las actividades que realizan estos sacerdotes son, sobre todo, actividades culturales, religiosas y educativas. Observar estas actividades y sus impactos en la sociedad local en ese momento nos ayuda a comprender la dinámica de las interacciones sociales y culturales y las relaciones de poder existentes en el período estudiado.

Palabras clave: Colegio de São Paulo. Compañía de Jesús. Goa. Estado de la India.

Referências

BORGES, Felipe Augusto Fernandes. **O Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo, em Goa: a Companhia de Jesus no oriente português (1541-1558)**. Curitiba: Appris, 2021.

_____ ; MENEZES, Sezinando Luiz; COSTA, Célio Juvenal. Jesuítas na Índia portuguesa: a expulsão dos nativos do Colégio de Goa (1548-1551). **ANOS 90 (ONLINE)**. Porto Alegre, v.27, p.1-19, 2020.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Tese de doutoramento (Educação). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

LACERDA, Teresa. A formação de um clero nativo no Padroado Português (séculos XV-XVIII). Dinâmicas de uma história intercultural? In: M. M. O. LARCHER; P. T de MATOS (org.). **Cristianismo e Império: conceitos e historiografia**. Lisboa, CHAM – Centro de História d’Aquém e d’Além Mar – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade NOVA de Lisboa; Universidade dos Açores, 2016. p. 212-243.

MANSO, Maria de Deus Beites. **A Companhia de Jesus na Índia (1542-1622): Actividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais**. Évora: Universidade de Évora; Macau: Universidade de Macau, 2009.

MAURÍCIO, Domingos. Para a História da Filosofia Portuguesa no Ultramar. I: Índia. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Lisboa, Janeiro - Março, Fac.1, 1945, p.176-195.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e Catequese**. São Paulo: Arké, 2006.

REGO, António da Silva (org.). **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente**. Vol. V. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. 1951.

SOUZA, Teotónio R. de. O ensino e a missão jesuíta na Índia. IN: GONÇALVES, Nuno da Silva. **A Companhia de Jesus e a missão no Oriente: Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria**. Lisboa: Brotéria – Revista de Cultura & Fundação Oriente, 2000. p. 117-132.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. **Jesuítas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)**. Lisboa: Roma Editora, 2004.

WICKI, Joseph. **Documenta Indica**. Vol. II. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1950.

_____. **Documenta Indica**. Vol. III. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1954.

_____. **Documenta Indica**. Vol. IV. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1956.

SOBRE O AUTOR

Felipe Augusto Fernandes Borges é doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Pitanga.

Recebido em 23/09/2021

Aceito em 02/03/2022